

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM CENTRO DE MEMÓRIA: a experiência da Sociedade Hípica Paulista

Assahi Pereira Lima¹
assahi@usp.br
Paula Talib Assad²
paula.assad@usp.br

Resumo

O presente trabalho apresenta um estudo de caso centrado no processo de implementação de um centro de memória na Sociedade Hípica Paulista (SHP), clube paulista fundado em 1911. A sua fundação remonta a um período de fomento aos espaços de sociabilidade urbana com o aparecimento de clubes esportivos, parques, bares, cafés e teatros. A SHP desempenhou papel pioneiro para o desenvolvimento dos esportes hípicos em São Paulo, sobretudo expresso pelas modalidades de salto e polo. Ao longo do século XX, o desenvolvimento do clube associa-se igualmente às mudanças da malha urbana e das práticas sociais e culturais. Com o objetivo de resgatar o patrimônio e a memória histórica da SHP e das transformações urbanas da cidade de São Paulo e preservar e difundir os seus acervos arquivístico, museológico e bibliográfico acumulados em mais de um século de existência, a instituição empreende trabalho de implantação de Centro de Memória desde 2019. A construção do Centro de Memória perpassa pelo estabelecimento das seguintes etapas do tratamento documental: 1. Diagnóstico; 2. Triagem; 3. Estabelecimento de políticas; 4. Sistema de gerenciamento de acervo; 5. Conservação: higienização, restauro, acondicionamento. 6. Disponibilização para o público. As etapas de diagnóstico e de triagem iniciaram em 2019 e permanecem até o momento. Nestas etapas foram realizadas uma catalogação mínima dos itens documentais produzidos e reunidos pelo clube no cumprimento das suas funções, em instrumentos provisórios de organização, com referência às suas localizações no momento da catalogação. Esta catalogação permitiu o reconhecimento dos diversos gêneros documentais pertencentes ao Centro de Memória, como apontado por Ana Maria Camargo, e a identificação de fundos segundo a metodologia recomendada por Heloísa Bellotto. A partir do conhecimento dos acervos e dos tipos documentais foi possível propor à instituição o estabelecimento de uma Política de Acervo para definir a sistemática de recolhimento de documentos e informações, como indicado por Camargo, que deverá ser aprovada pelo Conselho Deliberativo. Também foi definido o Quadro de Arranjo do Centro de Memória, com a divisão em Coleções e Fundos. Foi realizada a contratação de um sistema de gerenciamento de acervo (SGA), com a capacidade não apenas de catalogar os diversificados itens de cada acervo do Centro de Memória, mas também de relacionar estes itens e outras informações, propiciando uma interligação com o site da instituição, de modo a difundir o patrimônio e memória da instituição e o conhecimento gerado a partir dos documentos para os associados do clube e a população em geral. Também foi realizada a digitalização de documentos importantes para a instituição, identificados nas etapas 1 e 2. A etapa de

¹ PPGCI-USP, São Paulo/SP, Brasil.

² PPGMus-USP, São Paulo/SP, Brasil.

conservação foi iniciada recentemente, propiciando um maior cuidado com a documentação e a indicação eventual de itens para restauro. A etapa de disponibilização para o público englobará também itens documentais digitais, a serem catalogados e indicados para preservação após a implementação do SGA, segundo metodologia indicada por Miguel Arellano. A construção do Centro de Memória Sociedade Hípica Paulista permitirá a difusão da memória da instituição por meio do site e de exposições, sala de visitas para o público interno e externo como ressaltado por Camargo, porém pressupõe a superação de diversos desafios, especialmente institucionais, financeiros, tecnológicos. Os desafios podem se tornar uma barreira para a implantação do Centro de Memória, principalmente os institucionais, entretanto o mapeamento destes desafios e de caminhos para superá-los permitirá o resgate da memória e do patrimônio da SHP, de modo a viabilizar a finalização da implementação do Centro de Memória em 2021, ano em que a instituição comemora 110 anos, contribuindo para a pesquisa e difusão sobre a história da cultura e dos esportes hípicos na cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Centro de Memória; Preservação documental; Sistema de Gerenciamento de Acervo; Tipologia Documental; Quadro de Arranjo.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um estudo de caso centrado no processo de implementação de um centro de memória na Sociedade Hípica Paulista (SHP), clube paulista fundado em 1911. A sua fundação remonta a um período de fomento aos espaços de sociabilidade urbana com o aparecimento de clubes esportivos, parques, bares, cafés e teatros. A SHP desempenhou papel pioneiro para o desenvolvimento dos esportes hípicos em São Paulo, sobretudo expresso pelas modalidades de salto e polo. Ao longo do século XX, o desenvolvimento do clube associa-se igualmente às mudanças da malha urbana e das práticas sociais e culturais. Um breve histórico da SHP e da sua importância para o desenvolvimento dos esportes hípicos e para as mudanças das práticas sociais e urbanas serão apresentados na próxima seção.

Com o objetivo de resgatar o patrimônio e a memória histórica da SHP e das transformações urbanas da cidade de São Paulo e preservar e difundir os seus acervos arquivístico, museológico e bibliográfico acumulados em mais de um século de existência, a instituição empreende trabalho de implantação de Centro de Memória desde 2019. A construção do Centro de Memória perpassa pelo estabelecimento das seguintes etapas do tratamento documental: 1. Diagnóstico; 2. Triagem; 3. Estabelecimento de políticas; 4. Sistema de gerenciamento de acervo; 5. Conservação:

higienização, restauro, acondicionamento. 6. Disponibilização para o público. O detalhamento das etapas do processo de implantação será apresentado na seção 3.

Na seção 4 serão apresentados os desafios encontrados durante o processo de implantação do Centro de Memória SHP, bem como as soluções propostas para que os seus objetivos sejam alcançados.

2. SOCIEDADE HÍPICA PAULISTA E AS PRÁTICAS SOCIAIS E CULTURAIS DO SÉCULO XX

Entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, a paisagem da cidade de São Paulo sofreu mudanças expressivas: de vila provinciana desprovida de estrutura urbana básica como água encanada, oferta de iluminação a gás e calçadas pavimentadas, contando com algumas vendas, poucas tabernas e as missas como eixo central do encontro social, passou a presenciar o surgimento de bares, cafés, comércios, teatros, hotéis, bordéis, clubes e parques que se transformaram em espaços de criação de uma nova sociabilidade urbana (RAGO, 2008, p.59).

As elites rurais passaram a ter presença mais ostensiva na cidade, constituindo opulentas residências na região da Avenida Paulista, Higienópolis e Campos Elíseos. Enquanto isso, as fábricas e indústrias aos poucos foram se instalando nas regiões do Brás, Mooca, Lapa e Barra Funda, recebendo um número expressivo de migrantes e imigrantes que se somam às linhas de produção (FONTES, 2006).

A malha urbana refletiu essa distribuição desigual de renda, demarcando os espaços de moradia, trabalho e sociabilidade de cada setor da sociedade, criando os bairros operários habitados pela população escravizada que há pouco havia sido liberta e pelos recém-chegados a São Paulo. Outras distinções além da classe se somaram e determinaram a possibilidade de circulação do espaço da cidade, como raça e gênero. As mulheres trabalhadoras pertencentes às classes menos abastadas sempre figuraram na paisagem da cidade, mas a partir do final do século XX, observa-se uma presença crescente delas, a qual a historiadora Margareth Rago (2008) apontou como ambígua dentro da sociedade burguesa, pois apesar de não estarem mais exclusivamente no espaço doméstico burguês, o espaço público masculino acolhia sua circulação

enquadrada em papéis sociais específicos, como “consumidora, ornamento, acompanhante ou auxiliar.” (2008, p.67).

As rápidas mudanças que transformaram em menos de um século a cidade que era permeada por rios, córregos e construções em taipa de pilão em uma das maiores metrópoles do país também impactaram o imaginário de poetas, cineastas, fotógrafos e artistas que correram para forjar uma nova representação do paulistano pautada pelo regionalismo proveniente das oligarquias do café. Mônica Raisa Schpun (2003), ao analisar a representação da cidade no início do século XX a partir de textos do poeta Mário de Andrade afirma:

Assim sendo, a cidade, a um só tempo, seduz e transforma mentalidades. Ela está na origem de uma eclosão de discursos que espelham, com força particular, o impacto do urbano sobre o imaginário e as novas formas de sensibilidade coletiva nascentes, especificamente cidadinas. (SCHPUN, 2003, p.12).

Uma importante peça desta construção imagética sobre as formas de sociabilidade urbana ligada às elites oligárquicas é o filme “Caça à Raposa” (1913)ⁱ, produzido pela empresa Campos Filmes e dirigida por Antonio Campos, considerado um dos primeiros filmes do gênero documentário realizados no Brasil, que registra a prática dessa modalidade hípica inglesa adaptada no cenário nacional. O filme foi encomendado pela mecenas Olívia Guedes Penteado e tem como foco a vida privada da família Penteado, com planos que mostram ela, sua filha e outros membros da família.

Nesse sentido, Eduardo Morettin, ao analisar o documento fílmico ressalta que o registro da partida da Caça à Raposa, que teve como principais participantes os membros da Sociedade Hípica Paulista, coloca em evidência “indícios de riqueza, como o carro, os funcionários, o cavalo, as vestimentas de equitação e o pequeno círculo social identificado pela maneira de se portar e se vestir.” (MORETTIN, 2012, p.143)

O ponto de partida da caça à raposa durante a temporada de 1913 é o Palacete Prates, propriedade localizada no Vale do Anhangabaú pertencente ao Conde Prates, cafeicultor proeminente, sócio fundador e primeiro presidente da Sociedade Hípica Paulista. O nascimento do clube especializado nas práticas de esportes equestres integra este contexto social em que as elites criam e demarcam espaços de sociabilidade urbana.

A fundação da Sociedade Hípica Paulista, cuja ata data de 31 de julho de 1911, concretiza-se sobretudo mediante os esforços de Guilherme e Eduardo Prates, com o apoio de seu pai, o Conde Prates. A família, que em sua propriedade particular já era praticante da modalidade hípica de salto, ainda pouco propagada no Brasil, toma então a iniciativa de difundir a modalidade ao proporem a fundação do Clube.

Outro importante nome para a fundação da Sociedade Hípica Paulista é Carlos José de Arruda Botelho, proprietário de uma extensa gleba de terra na região central da cidade, onde em 1892 inaugurou o Jardim da Aclimação. Botelho, que havia sido Secretário de Agricultura do governo provincial, instalou no local um zoológico, posto zootécnico, restaurante e áreas de lazer que logo se tornaram ponto turístico para os habitantes da cidade que aos domingos conseguiam acessar a propriedade de bonde ou em carros puxados por animais. (GORDINHO, 1987, p.35)

A primeira sede da Sociedade Hípica Paulista foi instalada então em um moinho de farinha cedido por Carlos José Arruda Botelho no Jardim da Aclimação junto a uma pista com obstáculos para a prática de salto. A fundação do Clube está também associada a prática da equitação pela Força Pública de São Paulo e dos militares da Missão Francesa que atuaram enquanto instrutores desde 1906, difundindo assim a montaria entre membros da elite paulistana (GORDINHO, 1987, p.34). Desde o princípio, as modalidades hípcas do salto, adestramento e exterioresⁱⁱ são praticadas por cavaleiros e amazonas, sendo peculiar ao esporte o fato dos gêneros competirem nas mesmas categorias. No entanto, dentro do quadro de associados, as mulheres ainda não tinham o direito a voto e a posições nos quadros deliberativos do Clube.

Conforme há o crescimento do quadro de associados, bem como da malha urbana, o Clube adota uma sede social no Palacete Prates e instala sua sede de campo no quadrilátero formado pelas ruas Pedroso de Moraes, Teodoro Sampaio, Mourato Coelho e Artur de Azevedoⁱⁱⁱ. Essa sede, inaugurada em 1921, permite a construção de cocheiras e a expansão da área social. Os sócios, ao frequentarem a região de Pinheiros, ainda pouco ocupada, buscavam também espaço livre no entorno para a prática dos exteriores, que se tratavam de cavalgadas de longa distância. Ao longo dos anos, o clube foi responsável pela promoção de diversas provas e pela difusão de modalidades como a já mencionada caça à raposa e o polo na cidade de São Paulo.

Em 1941, o Clube mudou-se, novamente em busca de espaço mais amplo, para a região alagadiça do Brooklin, às margens do Rio Pinheiros, onde até hoje mantém sua sede. Neste novo empreendimento, um terreno de 180.000 metros quadrados pertencentes anteriormente à Sociedade Anônima Fábrica Votorantim e com desafios expressivos impostos pela drenagem do terreno e perfuração pela busca de água potável, foi implantado um pavilhão para sede social, veterinária, cocheiras e picadeiro coberto. Entre os anos 1950 e 1960, a SHP busca incrementar suas dependências e promover a construção de uma nova Sede Social em estilo inglês e um picadeiro coberto para a prática do salto, que se consagrará à época um dos maiores do mundo.

No âmbito dos concursos hípicas, o Clube sediou e teve presença expressiva de seus cavaleiros e amazonas no calendário de competições nacional e internacional, trabalhando com proximidade da Federação Paulista de Hipismo desde o princípio. A partir da segunda metade do século XX, destaca-se algumas dessas competições como os Jogos Pan-Americanos de 1962, para a qual a SHP sediou as provas da modalidade de Adestramento, o Torneio Pão de Açúcar^{iv} e o CSI-W Indoor^v durante a década de 1970.

O Clube além de abrigar os eventos, foi responsável pela formação de cavaleiros e amazonas profissionais que participaram de delegações olímpicas como Nelson Pessoa Filho, José Roberto Reynoso Fernandez e mais recentemente nomes como Rodrigo Pessoa, Luiza Tavares Almeida e Pepe Muylaert.

Assim, durante os 110 anos da Sociedade Hípica Paulista, há uma relação intrínseca da instituição com a disseminação e profissionalização das modalidades hípicas no cenário paulista até a atualidade. Portanto, não é possível analisar a implementação de um Centro de Memória para a SHP, processo detalhado na seção 3 a seguir, sem ressaltar seu papel nos anos iniciais na conformação dos espaços de sociabilidade da elite paulistana, responsável por construir representações e hábitos culturais na malha urbana.

Após alguns anos de hiato, a SHP tem retomado sua vocação para a promoção do lazer e de atividades culturais voltadas a todos os públicos, não só no hipismo. Essa gama de atividades vem gerando memórias e registros diversos que também têm sido objeto de trabalho do Centro de Memória Sociedade Hípica Paulista.

3. A IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE MEMÓRIA SOCIEDADE HÍPICA PAULISTA

A diretoria da Sociedade Hípica Paulista decidiu, no final do ano de 2018, reunir, preservar e difundir os seus acervos arquivístico, museológico e bibliográfico acumulados em mais de um século de existência e, a partir desta preservação e difusão, resgatar o patrimônio e a memória histórica da SHP e seus cavaleiros e amazonas e das transformações urbanas da cidade de São Paulo. Assim, dado que centros de memória são “um misto de arquivo, biblioteca e museu” (CAMARGO; GOULART, 2015, p.29), a instituição empreende trabalho de implantação do Centro de Memória Sociedade Hípica Paulista desde o início de 2019. Seu público-alvo são os sócios e colaboradores da SHP, pesquisadores e interessados nos esportes hípicos em geral e nas transformações urbanas da cidade de São Paulo.

Para a coordenação e implementação do Centro de Memória a SHP decidiu contratar empresa do mercado com vários anos de experiência na manipulação de acervos especiais, a Aurora Projetos – Cultura, Memória e Tecnologia. A partir de conversa com o presidente da SHP, a equipe da Aurora Projetos, então constituída por uma historiadora e a diretora da empresa, definiu as seguintes etapas para o tratamento documental:

1. Diagnóstico;
2. Triagem;
3. Estabelecimento de políticas;
4. Sistema de gerenciamento de acervo;
5. Conservação: higienização, restauro, acondicionamento;
6. Disponibilização para o público.

Embora a execução de algumas etapas pressupõe a conclusão de uma anterior, na realidade do dia a dia muitas etapas foram e ainda estão sendo executadas quase que simultaneamente. O detalhamento das atividades realizadas em cada uma delas é descrito nas subseções a seguir.

3.1. DIAGNÓSTICO E TRIAGEM

As etapas de diagnóstico e triagem de documentos foram as primeiras a serem iniciadas e devem continuar até a completa implementação do Centro de Memória. Elas consistem no manuseio, higienização básica e catalogação mínima dos itens documentais produzidos e reunidos pela SHP no cumprimento das suas funções, em planilha eletrônica. Foram localizados nestas etapas iniciais documentos textuais, fotografias, objetos, livros e revistas que se encontram armazenados na sede da instituição e informações sobre o título dos documentos, datas, natureza da documentação, estado de conservação foram catalogadas nas planilhas eletrônicas.

Sendo uma associação esportiva, a SHP realiza diversos campeonatos hípicos e muitos dos cavaleiros que treinam em suas dependências participam de campeonatos externos, nacionais e internacionais, criando um volume documental diretamente relacionado a estes eventos esportivos. Assim, também foram inseridas nestes arquivos informações sobre eventos, cavalos, cavaleiros e amazonas.

Este levantamento primário permitiu a realização de um inventário, com a identificação geral de todo acervo da SHP em instrumentos provisórios de organização, com referência às suas localizações no momento da identificação.

Neste processo de diagnóstico, triagem e inventário, foi possível identificar objetos de cunho artístico e decorativo, exemplares de troféus e escarapelas resultantes dos concursos hípicos, objetos relacionados à prática da equitação, bem como documentos textuais, iconográficos e audiovisuais relacionados às atividades funcionais da instituição, como livro de sócios, balancetes, correspondências, relatórios, fichas de títulos, fotografias, álbuns, desenhos de percurso para as provas de salto, cartazes, revistas editadas pela SHP e fitas cassetes com gravações dos concursos.

3.2. ESTABELECIMENTO DE POLÍTICAS

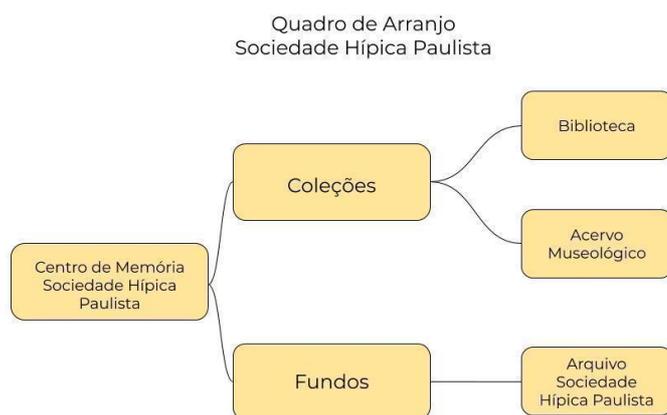
A partir do processo de identificação e inventário primário do acervo realizado nas etapas anteriores, procedeu-se a construção de definições conceituais e a elaboração de instrumentos de organização do acervo, bem como de políticas e diretrizes sobre o

processamento do acervo que comporia o Centro de Memória Sociedade Hípica Paulista.

Assim, como já apresentado, pela diversidade do acervo composto por documentos textuais, iconográficos, audiovisuais, digitais e tridimensionais acumulados durante os mais de 100 anos de funcionamento do Clube e pelo porte do projeto, decidiu-se pela implementação de um Centro de Memória como espaço institucional de preservação e difusão pois, segundo Ana Maria Camargo e Silvana Goulart (2015), os centros de memória têm se consolidado como espaços de preservação e gestão da memória que congregam as especificidades de tratamento dos acervos arquivísticos, bibliográficos e museológicos, possibilitando de forma interessante a manutenção da organicidade e dos elos entre os diferentes tipos de acervo.

Em observância a esses aspectos, para o Centro de Memória Sociedade Hípica Paulista optou-se pela organização do acervo em coleções e fundos. Os acervos bibliográfico e museológico constituem uma coleção cada e o acervo arquivístico constitui um fundo composto por séries e subséries documentais, como mostrado na Figura 1, abaixo.

Figura 1 – Quadro de Arranjo do Centro de Memória



Fonte: elaboração própria, 2020.

Tendo em perspectiva o acervo arquivístico, observou-se a metodologia de tratamento documental de arquivos permanentes descrita por Heloísa Liberalli Bellotto (2005), na qual propõe-se a estruturação do arranjo, enquanto instrumento de classificação dos arquivos permanentes, levando em consideração o funcionamento e a estrutura da entidade produtora da documentação.

Assim, dentre os aspectos válidos a serem considerados para a estruturação do arranjo do Centro de Memória Sociedade Hípica Paulista, elencamos a proveniência, a história da instituição, as atividades específicas das quais os documentos resultam, os conteúdos abordados e os suportes dos quais são feitos (GARCY II apud BELLOTTO, 2005, p.142).

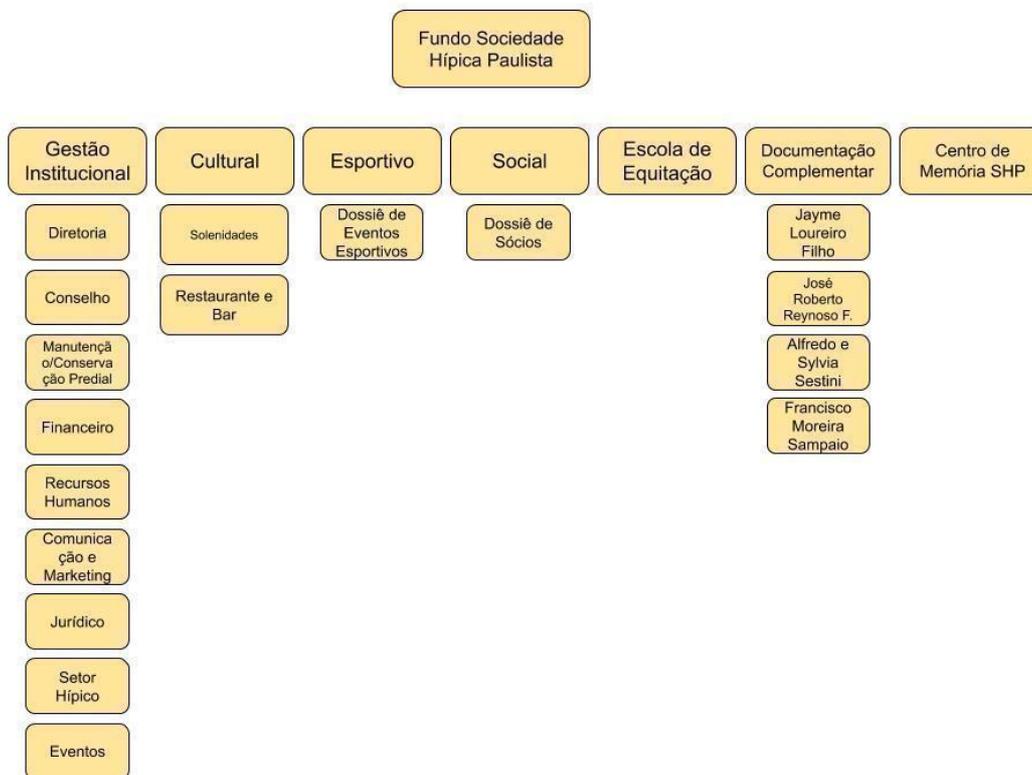
Neste momento, é necessário ressaltar que a instituição ainda não dispõe de uma política de gestão documental para os arquivos correntes e intermediários, guardando apenas para fins probatórios a documentação relacionada aos setores financeiros e jurídicos. Este contexto institucional nos coloca frente a desafios como lacunas de documentação expressivas ao longo dos últimos anos e a ausência de qualquer diretriz de guarda da documentação digital que tenha sido produzida.

Na elaboração do quadro de arranjo, considerando-se esse cenário institucional, procurou-se um coeficiente em que as atividades meio e fim desempenhadas pela Sociedade Hípica Paulista ao longo de seus 110 anos, enquanto instituição destinada a promoção de práticas esportivas e de lazer, pudessem ser contempladas nas subséries identificadas na Figura 2, a seguir.

A construção do quadro de arranjo partiu da observação atenta da história da instituição aliada à identificação da massa documental acumulada, mas seu aprimoramento só foi possível com a discussão coletiva com os integrantes de cada setor, revelando as especificidades da dinâmica da produção documental.

Por fim, a partir da observação das características estatutárias da SHP, de suas atividades desempenhadas, do reconhecimento do acervo e da proposta de sua organização, foi reiterada a necessidade de firmamento de Política de Acervo, enquanto instrumento de institucionalização do Centro de Memória, que garanta o cumprimento das ações de salvaguarda do acervo, bem como estabeleça parâmetros e diretrizes para eventuais incorporações e descartes.

Figura 2 – Quadro de arranjo



Fonte: elaboração própria, 2021.

3.3. SISTEMA DE GERENCIAMENTO DE ACERVO

No início de 2020 já tinham sido catalogados em planilhas eletrônicas mais de oito mil páginas de documentos textuais, 61 álbuns de fotografias, mais de 450 troféus, taças, medalhas e escarapelas e 245 quadros, além de centenas de informações sobre competições, cavalos, cavaleiros e amazonas. Para fazer frente a esse volume de documentos e informações, no início de 2020 a Aurora Projetos recomendou à Sociedade Hípica Paulista a contratação de um Sistema de Gerenciamento de Acervo que pudesse importar as informações já existentes nas planilhas e agregar novas informações, de forma a propiciar a difusão destes documentos para os sócios, colaboradores e funcionários do Clube.

Foram pesquisadas e analisadas as soluções existentes no mercado nacional e internacional, tanto em termos de funcionalidades oferecidas, como catalogação de documentos, gerenciamento de eventos e interligações externas, como em termos de custos financeiros. A partir desta análise foi recomendada a contratação do sistema de gerenciamento de acervo denominado Aristóteles^{vi}.

A plataforma Aristóteles é baseada em módulos e possui as seguintes funções, entre outras: registro e controle hierárquico de documentos, pessoas, eventos e objetos; publicação automática em internet; relacionamento de personalidades, eventos e objetos; sistema de localização espaço-temporal universal. Entre as suas funcionalidades da plataforma que se destacaram frente às outras possibilidades de sistema estão: a catalogação detalhada de variados tipos documentais como documentos textuais, iconográficos, tridimensionais, audiovisuais, digitais; a possibilidade de relacionamento entre estes documentos e também com outras informações; a fácil interligação com o site da SHP, através de uma *Application Programming Interface* (API)^{vii}. Além disso, seu licenciamento em nuvem diminui consideravelmente o investimento inicial necessário, pois não tem custo de implantação, e permite a suspensão do licenciamento a qualquer tempo.

Assim, a utilização do Aristóteles para o gerenciamento do acervo do Centro de Memória Sociedade Hípica Paulista permite que sejam catalogados em um mesmo sistema os seus diversos tipos documentais, relacionando-os não só aos diversos eventos e campeonatos esportivos realizados dentro e fora do Clube, mas também aos cavaleiros, amazonas e cavalos, enriquecendo as informações disponibilizadas. Além disso, a fácil integração com o site da SHP e a publicação automática dos documentos catalogados possibilita a rápida difusão dos documentos do acervo aos sócios e funcionários do Clube e também aos visitantes do site, amantes do hipismo.

As atividades de configuração, catalogação de fundos e coleções e de preparação da importação das informações catalogadas em instrumentos provisórios foram iniciadas em 2021 e ainda estão sendo realizadas. Apenas após essa configuração inicial será possível aprimorar a catalogação dos documentos do Centro de Memória

3.4. CONSERVAÇÃO: HIGIENIZAÇÃO, RESTAURO, ACONDICIONAMENTO

Em fins de 2019, com as etapas de diagnóstico e triagem já avançadas, foram iniciadas as atividades relacionadas à conservação dos documentos. Inicialmente foi realizada a digitalização de documentos importantes do acervo, como um caderno manuscrito com a assinatura dos sócios fundadores, acondicionado dentro de uma caixa de madeira com a frente em vidro, um livro de registro contendo o nome dos sócios fundadores (243 homens e 5 senhoras) e o número I da Revista Sociedade Hípica Paulista, de novembro de 1960. A digitalização foi realizada por empresa terceirizada, especialista na manipulação de documentos raros e resultou em 2.500 imagens em alta e baixa resolução, e teve por objetivo salvaguardar e preservar os documentos originais e seus conteúdos.

Os documentos digitalizados e os álbuns de fotografias receberam uma higienização básica no período entre o final de 2019 e o de 2020. Foram adquiridos pela SHP caixas de acondicionamento *acid-free* e papel glassine, que foram utilizados para salvaguardar parte dos documentos do acervo. Troféus e taças, por sua vez, receberam higienização completa pois foram armazenados em novos armários expositivos, localizados no mezanino da SHP. Entretanto, grande parte dos documentos ainda precisa passar pela higienização básica e acondicionamento, processo que foi interrompido por questões financeiras da instituição. Além disso, alguns itens do acervo foram indicados para restauro, processo ainda não iniciado.

3.5. DISPONIBILIZAÇÃO PARA O PÚBLICO

As ações de comunicação de um acervo podem ser identificadas em uma gama diversa de ações como exposições, publicações, ações educativas e difusão de pesquisas através de meios digitais. São processos de construção de significados e sentidos entre o acervo preservado pela instituição no encontro com os indivíduos, permitindo leituras e construções plurais sobre a História que se pretende abordar (CURY, 2005, p.367). No caso do Centro de Memória Sociedade Hípica Paulista, estas interlocuções têm sido produzidas desde as primeiras atividades de implementação. Se por um lado, a produção

de conteúdo a partir do acervo ainda não tratado é mais morosa, por outro, trazer o acervo a público permite aproximações com sócios e funcionários, que dialeticamente, fornecem informações para identificação e aprofundamento do conhecimento sobre o acervo que carece de dados de proveniência.

Dentre estas ações, em decorrência das medidas de distanciamento social provocadas pela COVID-19, durante o ano de 2020 foram promovidas ações de comunicação do acervo e da história da instituição através das redes sociais e do site da instituição, evidenciando o acervo e depoimentos de atores sobre suas memórias na Sociedade Hípica Paulista.

Outra intensa atividade de difusão para a comunicação do acervo foi a pesquisa, curadoria e produção de duas exposições temporárias, salas de visitas para o público interno e externo como ressaltado por Camargo e Goulart (2015, p.74), que discutiram as trajetórias e a contribuição de cavaleiros homenageados nas principais competições da Sociedade Hípica Paulista. Os processos de pesquisa, curadoria e produção que envolvem a montagem de uma exposição permitiram o aprofundamento sobre peças do acervo, identificação de nomes proeminentes da gestão da instituição e o reconhecimento de aspectos constitutivos da história da SHP para o público visitante.

Na exposição Jayme Loureiro Filho, inaugurada em outubro de 2020, procurou-se evidenciar a história do cavaleiro e sócio que ocupou a diretoria por dois mandatos durante a metade do século XX, bem como relatar a história da Sociedade Hípica Paulista desde sua fundação tendo em perspectiva as mudanças de sede até o bairro do Brooklin. Nesta última, Jayme Loureiro Filho foi responsável por comandar expressivas obras de estruturação, como o picadeiro coberto para a prática da modalidade de salto.

A segunda exposição, realizada em dezembro de 2020, teve como objetivo tratar a trajetória de José Roberto Reynoso Fernandez, cavaleiro conhecido como Alfinete, atuante na instituição desde a década de 1960, e que obteve vitórias olímpicas e em grandes torneios nacionais. Outros aspectos do cavaleiro abordados na exposição foram as relações de docência e aconselhamento que instaurou com cavaleiros e amazonas, a importância do estilo e sobretudo da técnica, aliada ao aperfeiçoamento dos equipamentos de equitação e ao trato veterinário dos animais ao longo dos anos.

A comunicação e difusão do acervo durante o ano de 2020 permitiu a aproximação do corpo societário e funcional das ações características de um Centro de Memória e fortaleceu os laços de cooperação entre as partes. Os pedidos para diagnóstico de documentos textuais, iconográficos e objetos tridimensionais tornaram-se cada vez mais frequentes, bem como a solicitação de acompanhamento por parte do Centro de Memória nos processos de limpeza e movimentação de espaços com acervo, promovendo um ambiente propício e atento à preservação do acervo salvaguardado.

4. DESAFIOS ENCONTRADOS NA IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE MEMÓRIA SOCIEDADE HÍPICA PAULISTA

A implantação do Centro de Memória Sociedade Hípica Paulista perpassa por processos de negociação entre o desejo da preservação da memória institucional e o investimento financeiro necessário para assegurar a preservação do acervo e da informação, destinação de espaços no Clube para a guarda adequada, trabalho interno de educação patrimonial, diálogo com o corpo funcional para estabelecimento de parâmetros no trato dos acervos e sobretudo pela construção de uma cultura institucional sobre a salvaguarda desta memória.

Como exemplo da necessidade premente desta cultura pode-se citar que vários documentos, livros e objetos, após sua catalogação, tiveram sua localização alterada por funcionários da instituição, devido às obras de reforma da sede social que estavam sendo realizadas simultaneamente à implantação do Centro de Memória nos anos de 2019 e 2020.

Além disso, como já mencionamos, um desafio no futuro próximo é a implementação de política de gestão documental para a documentação criada cotidianamente nas atividades desenvolvidas pelo Clube, especialmente a nato-digital, garantindo a continuidade da preservação da memória institucional de forma contínua. Especialmente no caso da documentação nato-digital deve ser estabelecida política de preservação de acordo com a metodologia indicada por Miguel Arellano (2004).

Ressalta-se também a necessidade de firmamento de Política de Acervo, enquanto instrumento de institucionalização do Centro de Memória, para estabelecer

parâmetros e diretrizes para eventuais incorporações e descartes e definir a sistemática de recolhimento de documentos e informações, como indicado por Camargo e Goulart (2015). Vários sócios já manifestaram o desejo de transferir, parcial ou totalmente, seus acervos pessoais para o Centro de Memória. Entretanto, esta Política é essencial para estabelecer quais itens devem ser incorporados e quais não serão aceitos.

Por outro lado, a estrutura da instituição permitiu, durante o processo de formação do Centro de Memória, o firmamento de importantes parcerias internas, como com os setores de comunicação e marketing, que deram visibilidade às pesquisas e ações desenvolvidas pelo Centro de Memória Sociedade Hípica Paulista, aproximando sócios e funcionários do processo. Essenciais também foram as parcerias internas estabelecidas para a produção das duas exposições realizadas em 2020 com setores operacionais como marcenaria, serralheria e obras, que internalizados, permitiram uma dinâmica de criação e troca profícua. Espera-se que estas parcerias contribuam intensamente para as ações de difusão e exposição comemorativas dos 110 anos da Sociedade Hípica Paulista, celebrados em 2021.

REFERÊNCIAS

ARELLANO, Miguel Ángel Márdero. Preservação de documentos digitais. **Ciência da Informação (online)**, Brasília, v.33, n.2, p.15-27, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/305/1452>>. Acesso em 05 maio 2020.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

CAMARGO, Ana Maria; GOULART, Silvana. **Centros de memória**: uma proposta de definição. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

CURY, Marília Xavier. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. **História, Ciência, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.12, p.365-380, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000400019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 mar. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702005000400019>.

FONTES, Paulo. Mapeando o Patrimônio Industrial em São Paulo. **Patrimônio - Revista Eletrônica do IPHAN** 4. março e abril de 2006. Disponível em:

<<http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=166>> Acesso em 15 jan. 2021.

GORDINHO, Margarida Cintra (coord.). **Sociedade Hípica Paulista: 75 anos**. São Paulo: Marca d'Água, 1987.

MORETTIN, Eduardo Victorio. Dimensões históricas do documentário brasileiro no período silencioso. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.25, n.49, p.125-152, jan. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 mar. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882005000100007>.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SCHPUN, Monica Raisa. Luzes e sombras da cidade (São Paulo na obra de Mário de Andrade). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.23, n.46, p.11-36, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 mar. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882003000200002>.

Notas

ⁱ O filme *Caça à Raposa* (1913) faz parte do acervo da Cinemateca Brasileira, localizada em São Paulo. A ficha catalográfica com a descrição de parte do conteúdo pode ser acessada pelo website da instituição através do link <http://cinemateca.org.br/filmografia-brasileira/>.

ⁱⁱ Regida pela FEI – Federação Equestre Internacional – a modalidade salto consiste de uma prova em que o conjunto (cavalo/cavaleiro) percorre um percurso entre 8 a 12 obstáculos diferentes e de variados graus de dificuldade, variando de 0.80 metro até 1.60 metro. No Brasil é a modalidade do “hipismo clássico” com maior número de praticantes. No adestramento, o conjunto (cavalo/cavaleiro) precisa executar movimentos obrigatórios e livres (passo, trote e galope) completamente entrosado, revelando harmonia e equilíbrio. Modalidades exteriores são cavalgadas de longa distância realizadas em ambientes externos, como a *Caça à Raposa*.

ⁱⁱⁱ Quando a Sociedade Hípica Paulista decide transferir sua sede para o bairro do Brooklin, na zona sul de São Paulo, o terreno que ocupava no bairro de Pinheiros é vendido para Raduan Dabus, que construiu um conjunto de prédios entre as décadas de 1940 e 1950. O conjunto foi tombado pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp) em 2018 e até hoje as construções são chamadas de “predinhos da Hípica”.

^{iv} Iniciada em 1971, a Copa São Paulo teve sua primeira edição como um campeonato interno da Sociedade Hípica Paulista. Nos anos seguintes, ganhou novas proporções com o apoio da família Diniz, passando a se chamar Torneio Pão de Açúcar e abrindo a temporada nacional de hipismo brasileiro.

^v Concurso de Salto Internacional, atualmente o maior evento de hipismo no Brasil, realizado na Sociedade Hípica Paulista.

^{vi} A plataforma de Sistema de Gerenciamento de Acervo denominada Aristóteles foi desenvolvida e é licenciada pela empresa Motivo Processamentos, Imagem e Comunicação, empresa de propriedade de Jorge Bastos. Desde 2020 a plataforma também é licenciada pela Aurora Projetos – Cultura, Memória e Tecnologia Ltda. (www.auroraprojetos.com.br).

^{vii} *Application Programming Interface (API)*, é um conjunto de rotinas e padrões estabelecidos por um *software* para a utilização das suas funcionalidades por aplicativos ou sites que pretendem apenas usar seus serviços e informações.